


Hélio Fernando Lôbo Nogueira da Gama  
(Organizador)

# A SOCIOLOGIA

e as formações sociais 2

Atena  
Editora  
Ano 2022

An aerial, black and white photograph of a large group of people gathered on a checkered floor. The people are scattered across the frame, some standing in small groups, others walking. The floor is composed of large, light-colored square tiles separated by dark lines. The overall scene suggests a public event or a social gathering.

Hélio Fernando Lôbo Nogueira da Gama  
(Organizador)

# A SOCIOLOGIA

e as formações sociais 2

 **Atena**  
Editora  
Ano 2022

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador  
 Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
 Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
 Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
 Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice  
 Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
 Prof. Dr. Kápio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
 Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
 Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
 Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
 Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
 Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
 Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
 Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



**Diagramação:** Camila Alves de Cremona  
**Correção:** Yaidy Paola Martinez  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizador:** Hélio Fernando Lôbo Nogueira da Gama

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)</b>	
S678	<p>A sociologia e as formações sociais 2 / Organizador Hélio Fernando Lôbo Nogueira da Gama. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.</p> <p>Formato: PDF                      Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader                      Modo de acesso: World Wide Web                      Inclui bibliografia                      ISBN 978-65-258-0829-1                      DOI: <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.291221412">https://doi.org/10.22533/at.ed.291221412</a></p> <p>1. Sociologia. I. Gama, Hélio Fernando Lôbo Nogueira da (Organizador). II. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 301</p>
<b>Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166</b>	

**Atena Editora**  
 Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
 Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



A coleção “A Sociologia e as Formações Sociais”, agora em seu segundo volume, justifica-se por esta ciência ter sua origem multidisciplinar, aglutinando o que havia de mais avançado em conhecimento filosófico (a dialética hegeliana alemã), político (o socialismo utópico francês) e científico (a economia política inglesa) do século XIX.

A partir dessa matriz, Karl Marx, vão surgir outras, disciplinares, que postularão um caráter científico positivista normativo, Émile Durkheim, como também, na passagem para o XX, a Sociologia compreensiva de Max Weber.

As teorias sociológicas das formações sociais destes, intitulados os “três porquinhos” da Sociologia, estabelecem fundamentos epistemológicos sólidos para uma ciência que possui o objeto de estudos mais ousado e da mais complexa compreensão do que todas as demais: a sociedade em que vivemos.

O conceito de formação social indica um caminho, ao perceber o ambiente societário como construído em suas múltiplas determinações, um *devoir*. Incita os autores do presente livro a buscar, pelas suas finas lentes de seus olhares plurais, debruçarem-se sobre questões teóricas / empíricas relevantes, a partir de seus campos de saber - no sentido de Pierre Bourdieu - e compreender, contextualizar e interpretar diversos objetos de investigação.

Com êxitos inegáveis de contribuições ao edifício do conhecimento, assumem e fazem usos de postulados sociológicos transversais que são a própria razão da Sociologia enquanto ciência mãe, fundamental, perpassando as ciências aplicadas emprestando os seus paradigmas, e, com isso, dialeticamente, garantido legitimidade e reconhecimento a si e às mesmas.

Sociológica, histórica, econômica e antropológicamente, estrutura social como inerente ao conceito de modo de produção significa uma determinada formação econômico-social, em que se sustenta a tese que o conceito, enquanto modelo abstrato que busca abarcar um determinado bloco histórico, tem o sentido metodológico do tipo ideal weberiano que busca a explicação da realidade pela aproximação à construção teórica empreendida.

A atual formação social vislumbra o fortalecimento dos ditames capitalistas e mercadológicos através da reificação do corpo. A corpolatria é disseminada pelos meios de comunicação e mídias. Mais que [re]pensar as práticas esportivas para o desenvolvimento, é preciso [re]pensar o esporte como elemento de emancipação social dos corpos e dos homens.





Na combinação cidadania, educação e trabalho, a extensão da educação a todos se atrelou mais às necessidades econômicas e exigências do processo produtivo vigente e em evolução do que no processo de correção das desigualdades sociais. Para a educação de seus profissionais inteiramente qualificados, o capital sempre prescindiu do Estado, fornecendo suas próprias

demandas, em face de seu caráter estratégico.

Precisa-se de “Perseus” para cortar a cabeça da Medusa e “despetrificar” o Sertão e o sertanejo, tomando-se as transformações recentes do Sertão do Pajeú como referência socioespacial em se que verifica uma microrregião que se encontra em trânsito da opacidade para a luminosidade geográfica, com espaços técnicos-científicos-informacionais se ampliando.

Boa leitura!

Hélio Fernando Lôbo Nogueira da Gama

<b>CAPÍTULO 1 .....</b>	<b>1</b>
REVITALIZANDO O DEBATE: O CONCEITO DE MODO DE PRODUÇÃO	
Hélio Fernando Lôbo Nogueira da Gama	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.2912214121">https://doi.org/10.22533/at.ed.2912214121</a>	
<b>CAPÍTULO 2 .....</b>	<b>14</b>
ESPORTIVIZAÇÃO E A PRODUÇÃO DE (NOVOS) CORPOS NA SOCIEDADE DO SÉCULO XXI	
Fernanda Ramos Parreira	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.2912214122">https://doi.org/10.22533/at.ed.2912214122</a>	
<b>CAPÍTULO 3 .....</b>	<b>28</b>
OS COMPROMISSOS DA EDUCAÇÃO CATÓLICA	
Adelcio Machado dos Santos	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.2912214123">https://doi.org/10.22533/at.ed.2912214123</a>	
<b>CAPÍTULO 4 .....</b>	<b>41</b>
SERTÃO! ATÉ QUANDO? COMBATENDO O EFEITO MEDUSA	
Ednaldo Emílio Ferraz	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.2912214124">https://doi.org/10.22533/at.ed.2912214124</a>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR .....</b>	<b>55</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO .....</b>	<b>56</b>



## REVITALIZANDO O DEBATE: O CONCEITO DE MODO DE PRODUÇÃO

*Data de submissão: 12/12/2022*

*Data de aceite: 12/12/2022*

### **Hélio Fernando Lôbo Nogueira da Gama**

Universidade Estadual de Santa Cruz –  
UESC  
Departamento de Filosofia e Ciências  
Humanas - DFCH  
Ilhéus - Bahia  
<http://lattes.cnpq.br/6629190158131259>

**RESUMO:** Presenciamos, no ambiente acadêmico, uma hegemonia teórica (neo) positivista, funcionalista e sistêmica sobre o caráter da sociedade. A organização social predominante teria deixado de ser capitalista (como conceituada pelas matrizes clássicas da Sociologia – as teorias de Marx, Weber e Durkheim) para ser concebida como “industrialista”, “pós-industrial”, “moderna”, “pós-moderna”, “informacional”, etc. Com o fim do “socialismo real” na década de 1990, soaram-se as trombetas dos novos ideólogos apregoando o fim da luta de classes, da centralidade do trabalho como categoria analítica para explicação do real, das ideologias e da própria História. A essência da realidade social não seria mais (ou nunca teria sido?) passível de uma explicação em sua dimensão de totalidade. Deveríamos contentar-nos com enfoques microsociológicos para,

pelo menos, estabelecermos “um olhar” a mais na pluralidade dos individualismos metodológicos presentes na intitulada explosão de paradigmas. Entendemos que a busca constante por uma compreensão do processo socio-histórico, em uma dialética de tensão e desenvolvimento em espiral entre a busca da essência e dimensão da totalidade de uma formação social, é fundamental. Partindo da ideia de estrutura social como transversal a Sociologia, História, Economia e Antropologia, a relação entre as classes sociais leva-nos a uma análise detida do modo de produção em que se inserem e conformam um determinado bloco histórico. O conceito de modo de produção, portanto, é fundamental para fazermos uso da ideia de estrutura social na busca de uma lógica do processo socio-histórico, revitalizando a construção de um conhecimento crítico e dialético que se proponha a abarcar a totalidade das relações sociais. Este é o objetivo do presente ensaio. Ao final, após resgatarmos uma discussão clássica sobre a questão, enunciaremos os contornos de nossa tese sobre a problemática, buscando dar-lhe uma contribuição que entendemos original.

**PALAVRAS-CHAVE:** Modo de Produção; Sociologia; História; Economia.

## REVITALIZING THE DISCUSSION: THE CONCEPT OF PRODUCTION MODE

**ABSTRACT:** We witnessed a theoretical (neo) positivist, functionalist, and systemic hegemony over the character of society. The predominant social organization ceased to be capitalist (as conceptualized by the classical matrices of Sociology - the theories of Marx, Weber, and Durkheim) to be conceived as “industrialist”, “post-industrial”, “modern”, “post-modern”, “Informational”, etc. With the end of “real socialism” in the 1990s, the trumpets of the new ideologues sounded, proclaiming the end of the class struggle, the centrality of work as an analytical category for explaining the real, ideologies and history itself. The essence of social reality would no longer be subject to explanation in its dimension of totality. We should be content with micro sociological approaches to, at least, establish an “additional look” at the plurality of methodological individualisms present in the so-called explosion of paradigms. We understand that the constant search for an understanding of the socio-historical process, in dialectic of tension and development in a spiral between the search for the essence and dimension of the totality of a social formation, is fundamental. Starting from the idea of social structure as transversion to Sociology, History, Economy and Anthropology, the relationship between social classes leads us to a careful analysis of the mode of production in which they are inserted and conform a given historical block. The concept of mode of production is fundamental for us to use the idea of social structure in the search for logic of the socio-historical process, revitalizing the construction of a critical and dialectical knowledge that proposes to encompass the totality of social relations. In the end we will enunciate the contours of our thesis on the issue, seeking to contribute that we understand to be original.

**KEYWORDS:** Production Mode; Sociology; History; Economy.

## 1 | INTRODUÇÃO

Existe uma sensação de mal-estar na cultura, atualizando o diagnóstico feito por Sigmund Freud no início de 1930 para o fim de século 20 com mais elaboradas pinceladas. Porém, existe também um “mal-estar em teoria e com teoria” no domínio das ciências sociais, particularmente com teorias que, seguintes nos passos da tradição clássica, persistem em seu empenho para explicar o movimento de sociedade como um todo. No atual *ethos* ideológico, dominado por uma intoxicante combinação de pós-modernismo e tecnocrascismo neoliberal, teorias sobre sociedade levam o aborrecimento e às vezes até o desdém de muitos cientistas sociais. As teorias caíram em vergonha, e qualquer novato ou diletante se parece corajoso o bastante para denunciá-las, citando a acusação inevitável que elas são nada além de grandes narrativas obsoletas do século XIX para estar em algum museu bolorento. [tradução nossa] (BORON, 1999, p. 47).

Tal asserção nos motiva a revisitar um conceito que é básico para uma reflexão sobre a possibilidade de uma compreensão do processo socio-histórico.

Presenciamos, no ambiente acadêmico, uma hegemonia teórica (neo) positivista, funcionalista e sistêmica sobre o caráter da sociedade. A organização social dominante teria deixado de ser capitalista (como conceituada pelas matrizes clássicas da Sociologia - Marx, Weber e Durkheim) para ser concebida como “industrialista”, “pós-industrial”,

“moderna”, “pós-moderna”, “informacional”, etc. Com o fim do “socialismo real” na década de 1990 soaram-se as trombetas dos novos ideólogos apregoando o fim da luta de classes, da centralidade do trabalho como categoria analítica para explicação do real, das ideologias e da própria História. A essência da realidade social não seria mais (ou nunca teria sido?) passível de uma explicação em sua dimensão de totalidade. Deveríamos contentar-nos com enfoques microssociológicos para, pelo menos, estabelecermos “um olhar” a mais na pluralidade dos individualismos metodológicos presentes na intitulada explosão de paradigmas.

Entendemos que a busca constante por uma compreensão do processo socio-histórico, em uma dialética de tensão e desenvolvimento em espiral entre a essência e dimensão da totalidade de uma determinada formação social, é fundamental. Partindo da ideia de estrutura social como transversal a Sociologia, História, Economia e Antropologia, a relação entre as classes sociais nos leva a uma análise detida do modo de produção em que se inserem e conformam um bloco histórico.

O conceito de modo de produção, portanto, é fundamental para fazermos uso da ideia de estrutura social na busca de uma lógica do processo socio-histórico, revitalizando a construção de um conhecimento crítico e dialético que se proponha a abarcar a totalidade das relações sociais.

Este é o objetivo do presente ensaio.

Ao final, após passarmos em revista uma discussão clássica sobre a questão, enunciaremos os contornos de nossa tese sobre a problemática, buscando darmos uma contribuição que entendemos original ao debate.

## **2 | CONHECIMENTO SOCIO-HISTÓRICO E ESTRUTURA SOCIAL**

Conceituamos o que entendemos como conhecimento socio-histórico:

A missão e o sentido da ênfase em um enfoque socio-histórico do conhecimento são [...] propiciar o desenvolvimento de uma percepção crítica, científica, do papel do indivíduo enquanto ator social e sujeito ativo da história, contribuindo substancialmente para a construção de laços de identidade, consolidar a cidadania e fazer avançar a radicalização da democracia. O posicionamento diante de fatos presentes ganha argumentos e embasamento científico a partir da interpretação de suas relações com o passado. (GAMA, 2010, p.82)

A partir de autores como Hobsbawn (1971) e expoentes da escola francesa História Social, fazemos uso da ideia de estrutura social.

O conhecimento socio-histórico [...] parte da premissa que a ideia de estrutura social é fundamental, do ponto de vista epistemológico, para uma compreensão mais profunda e complexa do processo social e histórico, em busca da lógica de seu desenvolvimento, constituindo-se em um avanço científico sobre as perspectivas historiográficas meramente episódicas e personalizadas, ou rigidamente datadas, fragmentadas, lineares, ingênuas ou ideológicas. (GAMA, 2011, p.65)



Tratando-se do estudo das estruturas sociais, o critério mais seguro e válido está baseado nas relações entre classes:

Refere-se ao elemento mais permanente e mais profundo da atividade humana; o trabalho e a produção. Explica a totalidade de uma formação social e a sua relatividade espacial e temporal, estando ele próprio ligado à evolução das forças produtivas (isto é, ao mesmo tempo ao número dos homens, aos recursos postos em exploração e às técnicas que presidem a esta exploração). (SOBOUL, 1975, p.38)

Em nome do rigor teórico-metodológico não há como estudar as relações entre as classes sociais sem uma análise do modo de produção em que se inserem, pois os indivíduos vão se configurar como pertencendo ou não a uma classe social fundamental a partir da compreensão de suas inserções e das relações sociais de produção que moldam um determinado bloco histórico (GAMA, 2020a, p. 146.).

### **3 I O CONCEITO DE MODO DE PRODUÇÃO**

Gebran (1978) faz uma didática e pertinente distinção entre “modo de produção de bens materiais”, que se refere apenas à estrutura econômica da sociedade, e o de modo de produção que abrange a totalidade social. Este perfaz uma estrutura global formada, basicamente, por três dimensões da sociedade: econômica, jurídico-política e ideológica.

Assinala-se o significado do conceito de modo de produção na teoria de Marx sobre a gênese e a lógica do capitalismo:

O modo de produção capitalista enquanto produz bens materiais, reproduz as relações de produção capitalistas, e, ao mesmo tempo em que reproduz essas relações, reproduz suas condições de existência superestruturais, isto é, as condições ideológicas e as relações de poder, assim como o papel que desempenham dentro da estrutura social [tradução nossa]. (HARNECKER, 1971, p.142)

Dada à premissa marxista que a dimensão econômica é determinante, em última instância, das demais instâncias da sociedade na estrutura global do modo de produção, encontramos embutido no conceito o significado de uma lógica materialista do processo histórico pautada no princípio dialético de uma realidade em movimento e em construção. Afinal, para Marx, “são os homens que fazem a História, mas em condições sociais determinadas”.

A determinação em última instância da estrutura global pelo econômico não significa que este detenha sempre o papel dominante. Não se devem confundir estes dois termos pois implicam em concepções distintas. Se a unidade que constitui a estrutura social implica que todo modo de produção tenha um plano principal, o econômico é determinante apenas na medida em que atribui a esta ou aquela instância o papel hegemônico. Marx nos indica como no modo de produção feudal é a ideologia, sob a forma religiosa, que detém

o papel preponderante e está rigorosamente determinada pelo funcionamento da estrutura econômica (FIORAVANTE, 1978).

Embora a infraestrutura econômica seja a determinante, ainda que em última instância, nos modos de produção que existem e existiram ao longo da História, nem sempre ela aparece como tal e os elementos jurídicos, políticos ou ideológicos, que formam a superestrutura, assumem a representação da dominação (FIORAVANTE, 1978). Gebran (1978) ressalta que isto se dá pela inter-relação dialética existente entre as várias estruturas, permitindo que umas ou outras se sobressaiam mais em determinados momentos históricos, e possam ser detectadas como as que dominam todo um período.

A concepção materialista da história estuda as estruturas das sociedades em diferentes épocas históricas e as inter-relações dialéticas na sucessão descontínua dos modos de produção. Esta concepção de descontinuidade foge à concepção hegeliana da História, onde a noção do tempo histórico é uma noção ideológica, uma continuidade homogênea não existindo cortes radicais ou rupturas entre as “etapas” históricas. Em **A Ideologia Alemã** Marx afirma que esta concepção hegeliana “[...] não explica a prática e depois a ideia, mas explica a formação das ideias e depois a prática material” (MARX; ENGELS, 1968, p.70). Cabe-se colocar a dialética hegeliana de “cabeça para baixo”, ou seja, emprestar-lhe um significado materialista.

Na produção social de sua existência os homens entram em relações determinadas, necessárias, independentes de sua vontade. Estas relações de produção correspondem a um grau determinado de desenvolvimento de suas forças produtivas materiais. O conjunto das relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se eleva uma sociedade, a base real sobre a qual se eleva uma superestrutura [...] da sociedade, à qual correspondem formas sociais determinadas. O modo de produção da vida social, política e intelectual em geral. Não é a consciência dos homens que determina a realidade; ao contrário, é a realidade social que determina sua consciência [...]. [tradução nossa] (MARX, 1970, p.36-38)

## 4 | AS DESVENTURAS E VENTURAS HISTÓRICAS DE UM CONCEITO

Embora se acentue o avanço de Marx sobre Hegel, “[...] do critério da periodização da história a partir da evolução dialética da ideia, passamos ao critério da periodização da História a partir da evolução dialética da economia [tradução nossa]” (FIORAVANTI, 1974, p.13), observa-se que

Tendo sido empregada apenas *en passant* pelos fundadores da teoria científica do comunismo, a expressão “modo de produção” jamais assumiu foros de conceito rigoroso na obra de Marx ou na de Engels. [...] Em Lenin, salienta-se o emprego preferencial do conceito de “formação econômico-social” em acepção que abrange o conteúdo daquilo que se costuma designar pela expressão “modo de produção”. (MOURA, 1984, p.1)

No período estalinista se observa o obscurecimento da interpretação da teoria

marxista, de ciência do caráter estrutural da sociedade capitalista à doutrina / ideologia justificadora de pragmatismos políticos conjunturais.

**Sobre o Materialismo Histórico e o Materialismo Dialético**, obra publicada em 1938, consagra-se a expressão modo de produção “[...] porque é em torno à periodização histórica difundida, principalmente, a partir de Stalin, a concepção unilinear dos cinco estágios, que se desenvolve toda a polêmica referente aos ‘modos de produção’ (MOURA, 1984, p.2). “A história conhece cinco tipos fundamentais de relações de produção: o comunismo primitivo, a escravidão, o feudalismo, o capitalismo e o socialismo [tradução nossa]” (STALIN, 1972, p.118).

Observa-se que, no referido trabalho, se estabelecia serem cinco os estágios característicos do desenvolvimento histórico que Stalin considerava expressamente como tipos fundamentais de relações de produção. Fundamentais, mas eram tidos como uma lista exaustiva das etapas que todas as sociedades deveriam atravessar em seu desenvolvimento evolutivo e unilinear. Admitiam-se algumas exceções que não alteravam a regra básica, relacionavam-se apenas à possibilidade de certos povos “saltarem” uma ou mais etapas, sob a influência de sociedades mais desenvolvidas:

A versão do materialismo histórico, aceita então, transformou-se – pelo emprego do esquema unilinear de cinco etapas – em uma vulgar filosofia da história, uma entidade metafísica que determinava, do exterior, o curso do devir histórico, não restando outro remédio aos dados concretos entrarem, bem ou mal, no dito esquema. (CARDOSO; BRIGNOLLI, 1979, p.25)

Inclusive a versão de Stalin suprime o modo de produção asiático mencionado por Marx no Prólogo de 1859 da **Critique de L'économie Politique**: “Réduits à leurs grandes lignes, les modes de production asiatique, antique, féodal et bourgeois moderne appataissent comme des époques progressives de la formation économique de la société” (MARX, 1977, pp. 273-274).

Nem a publicação dos **Grundrisse** (1939-40), com o estudo de Marx sobre as formações pré-capitalistas, conseguiu deter o avanço da concepção evolutiva unilinear. Interessava a Stalin a consolidação político-ideológica no seio do movimento comunista internacional, e sua teoria era-lhe útil para afirmar a tese da “construção do socialismo num só país”, no caso a URSS. Assim conseguiu impor a Terceira Internacional a diretriz universal de aliança do proletariado com as burguesias nacionais para a maturação dos capitalismo locais, pré-requisito para uma posterior revolução socialista.

A versão estalinista “[...] só veio a ser fortemente contestada ao final da década de cinquenta, com a retomada da discussão em torno ao ‘modo de produção’ asiático, trazida à tona outra vez, entre outras razões, pela publicação do polêmico livro de Wittfogel **O Despotismo Oriental**” (MOURA, 1984, p.2). Ainda que a polêmica a respeito da transição do feudalismo ao capitalismo “[...] envolvendo Dobb, Sweezy, Takahash e outros, preceda em alguns anos ao livro de Wittfogel, a discussão sobre a forma ‘asiática’ [...] tendeu a

conduzir o debate a um questionamento mais profundo do esquema unilinear de sucessão dos ‘modos de produção’ (MOURA, 1984, p.2).

A discussão gerada sobre as sociedades asiáticas – ou estamentais - se estende à análise das formações sociais pré-colombianas, abrindo uma intensa polêmica sobre os tecidos societários pré-capitalistas:

O pano de fundo do debate, como em outras ocasiões, foi a caracterização da revolução socialista em países que não obedeceram ao modelo clássico da Europa Ocidental. Ao nível teórico entra em crise o modelo da sucessão universal e linear de “modos de produção”, interpretação dominante, de forma quase exclusiva, durante mais de duas décadas. Essa irrupção de diferentes modalidades de conceber o processo histórico coincide, se excetuarmos, talvez, a vertente trotskista, com a quebra do monolitismo do movimento comunista internacional. A multiplicação de partidos e movimentos de inspiração marxista foi acompanhada *pari passu* pela diversificação das interpretações, a nível teórico, sobre o processo histórico, tanto em relação ao passado, quanto às características de um hipotético devir revolucionário. (MOURA, 1984, pp.2-3)

Ao nível teórico-acadêmico a discussão sobre o modo de produção asiático é de suma importância. Trata-se da busca por analisar formações sociais distintas do continente europeu em sua porção ocidental, berço do modo de produção capitalista industrial e que, ao longo do tempo histórico, experimentou, em linhas gerais, o desenvolvimento dos modelos clássicos de modos de produção: comunismo primitivo, antiguidade, escravismo, feudalismo e capitalismo.

O modo de produção asiático ou estamental é um modelo teórico que busca interpretar o poder de manutenção de estruturas básicas estratificadas ao longo do tempo histórico, como a sobrevida do sistema de castas na Índia. Sua importância é compreender que o processo histórico de desenvolvimento das estruturas sociais não obedece, necessariamente, a um esquema pré-fixado rígido, evolutivo e unilinear, mas, ao contrário, é diverso, plural. A chave de seu desenvolvimento deve ser buscada, também, em fatores de ordem cultural, entendendo cultura como um sistema simbólico construído por comunidades em sua interação com o meio ambiente, que é diversificado. Poder-se-ia, inclusive, inferir-se uma explicação para a conservação de estruturas sociais igualitárias de comunidades indígenas isoladas que, na América do Sul, mantêm-se dadas sua harmonia com o meio ambiente no modo de produção do comunismo primitivo.

Aponta-se que a contradição interna do modo de produção asiático é a coexistência, ao longo do tempo, de estruturas comunitárias e de estruturas de classe, pois o processo histórico conjuntural passou na maioria dos povos de uma sociedade sem classes para uma sociedade de classes, mas a conjuntura por si só não é suficiente para explicar as transformações internas da sociedade (GODELIER, 1976). Ressalta-se que “As modificações de estrutura são muito mais importantes e constituem o objeto mesmo da história e da ciência econômica organicamente ligada” (VILAR, 1974, p.133). Gebran

(1978) desenvolve a tese que no modo de produção asiático as transformações só se tornam perceptíveis através da compreensão das contradições internas que conduzem às modificações estruturais, desenvolvendo assim, em seu interior, a desigualdade que elimina a vida comunitária, tanto no que diz respeito à cooperação do trabalho como a dos laços de parentesco.

O não desenvolvimento da contradição interna implica, pois, na estagnação, e este é o caso das sociedades dirigidas por uma forma do Modo de Produção Asiático [...]. Na medida em que a exploração das comunidades pelo Estado se faz através da acumulação de uma renda em produtos, a estrutura de produção pode estabilizar-se por haver estímulo ao nascimento de um mercado que passa a ser a causa de uma produção de mercadorias em grande escala para a troca. (FIORAVANTI, 1974, p. 13)

Rompe-se a interpretação monolítica estalinista do processo histórico, com a passagem de um modo de produção a outro buscando ser compreendido pela contradição entre as antigas relações de produção e o desenvolvimento das novas forças produtivas ao nível global.

O Capitalismo nasce na Europa, por razões complexas, nas quais ao lado do antigo modo de produção, importante papel é representado pela conquista, pela dominação, pelo assassinio, pela rapina, em resumo, pela violência. Pelo seu próprio caráter, que o leva a se expandir em escala mundial, o Capitalismo acaba por modificar as condições e os ritmos de desenvolvimento de todos os povos da Terra. (SOFRI, 1977, pp.63-64)

## 5 | NOSSA TESE

Mesmo quem crítica o marxismo reconhece que “O gênio de Marx, o segredo de o seu prolongado poder, provém de ter sido ele o primeiro a fabricar verdadeiros modelos sociais a partir da longa duração histórica” (BRAUDEL, 1976, p. 70). Ao nosso ver, concordamos que “o alto grau de abstração, de generalização, da teoria de Marx é o que determina sua vitalidade, a possibilidade de aplicá-la com êxito a circunstâncias que diferem substancialmente daquelas nas quais foi criada a teoria [tradução nossa]” (VYGODSKY, 1978, p.70).

Pode-se compreender a tensão teórica que o uso do conceito incita:

Os modos de produção coloniais da América, produtos de um processo histórico *sui generis*, não podem ser reduzidos àqueles modos de produção concebidos em função da evolução mediterrâneo-europeia e, secundariamente, asiática. Sua definição e a análise de sua dinâmica pressupõem o estudo tanto da relação colonial quanto das estruturas internas das formações econômico-sociais. Eles se situarão em nível teórico distinto do de modos de produção como o feudalismo e capitalismo, por exemplo. Na obra de Marx faltam exemplos do uso do conceito de modo de produção em níveis teóricos diferentes; e o aludido admite, claramente, entre os possíveis resultados de um processo de conquista a “ação recíproca” entre os modos de produção postos em contato, produzindo-se “algo novo”, “uma síntese”.

O desenvolvimento e a expansão do capital provocam a ampliação das contradições sociais na medida em que, inclusive, chega a reproduzir o personagem não especificamente capitalista do “camponês”. No meio rural brasileiro a reprodução da força de trabalho familiar dos pequenos agricultores é coberta em sua maior parte pela produção direta dos meios de vida, o que dispensa o dispêndio monetário para a subsistência da família dos que trabalham a terra. Estes – meeiros, arrendatários, trabalhadores rurais, parceiros etc. - absorvem, através da produção direta dos meios de vida e da utilização extensa da força de trabalho familiar, os rendimentos negativos da sua produção mercantil. Pois se a família rural, em regra, não apresenta um rendimento monetário para cobrir sequer a sua força de trabalho, na verdade está havendo uma transferência de sobretrabalho para o conjunto do sistema produtivo e à acumulação do modo capitalista de produção (SANTOS, 1978).

A reprodução de relações de produção não capitalistas na agricultura pode ser explicada pela necessidade de superar a baixa rentabilidade de pequenos e médios empreendimentos rurais em relação às atividades urbanas, devido ao processo de transferência de rendimentos via a deterioração dos preços dos produtos agrícolas dirigidos ao mercado interno diante dos de origens industriais e do agronegócio, estes, primordialmente, ao mercado internacional. O desenvolvimento do capitalismo no Brasil em sua dificuldade de gerar, além da renda da terra, o lucro para certos produtos agrícolas (especialmente os gêneros alimentícios de primeira necessidade), tem que recriar no campo a pequena produção de base familiar, relações de produção que embora apareçam na infraestrutura econômica do modo de produção capitalista, não são tipicamente capitalistas (LOUREIRO, 1977).

Em resumo, as formações sociais dependentes apresentam regularmente estas três características (daí os seus enormes desajustamentos e tensões internas): A) Combinações de distintos modos de produção, capitalista e pré-capitalista; B) Sobreposição de fases distintas no modo de produção capitalista; C) No interior deste, cada fase caracteriza-se pela existência dum modelo de acumulação (dependente) que é dominante. (MORAGA, 1977, p.17)

Faz-se necessário precisar aspectos essenciais dos conceitos de modo de produção e formação econômico-social: 1) a natureza hipotética dos esquemas marxistas de evolução das sociedades e, em geral, das condições teóricas; 2) o caráter de modelo da noção do modo de produção, abstração construída a partir do real, mas que o reduz a suas estruturas essenciais e só permite colocar a evolução em termos de desenvolvimento das possibilidades e impotências internas das referidas estruturas; e 3) a necessidade de provar a validade dos esquemas hipotéticos ao nível da história concreta, cuja “infinita variedade” deve permitir decifrar (GODELIER, 1976).

Em síntese, nossa tese é que o conceito de modo de produção, enquanto modelo

abstrato que busca abarcar um determinado bloco histórico, na concepção de Gramsci (PORTELLI, 1977), tem o sentido metodológico do tipo ideal weberiano em que se busca a explicação da realidade social em análise pela aproximação à construção teórica empreendida.

## 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

As últimas duas décadas do século XX, mais que uma nova conjuntura, demarcam o início de um novo bloco histórico, cujas características fundamentais se intensificam no atual milênio. A revolução científica, tecnológica, organizacional e informacional que antecipa e acompanha essa totalidade faz emergir o mundo da internet, das empresas virtuais e redes sociais, em que conceitos como tempo, espaço e território são ressignificados, colocados em suspensão.

Na pós-modernidade, enquanto lógica cultural do capitalismo tardio ou da etapa avançada do capital monopolista internacional, a infraestrutura econômica e a superestrutura ideológica da sociedade formam um amálgama (JAMESON, 1986).

O mundo virtual, a educação digital e globalização econômica neoliberal fizeram brotar novas contradições, atores e sujeitos do processo socio-histórico, como os denominados novos movimentos sociais – de gênero, antiglobalização, étnicos, ambientalistas, antirracistas, pacifistas, neofeministas, dentre tantos - que relativizam a noção e o sentido político dos conceitos de classe social e consciência de classe, como fundamentais no âmbito das condições subjetivas para a transformação revolucionária das sociedades e edificação / construção de uma nova ordem social global.

Entretanto, o decodificar da lógica do processo socio-histórico, parece-nos, sem recair no exercício ingênuo de uma futurologia, mas, ao contrário, buscando identificar indícios para uma construção científica sociológica de cenários, que a unipolaridade hegemônica global pós fim do Muro de Berlim encontra-se em contínuo descenso. Esta tendência, ao nosso ver, em prol de relações multipolares, traz consigo intensas possibilidades, mas novos desafios, seja para a afirmação utópica, no sentido frankfurtiano, da ideia força do paradigma da sustentabilidade, ou, ao seu inverso, a um episódico – mas não descartável - cataclisma nuclear.

O hedonismo imaginativo, fruto do inconsciente coletivo que incita ao deslocamento, da ideologia do consumo que a indústria cultural capitalista intensifica, do imaginário simbólico que agora se constitui da necessidade de diferenciação e da afirmação do individualismo, da compulsão coletiva do “eu” sobre o “nós” (GAMA, 2021), dialeticamente afirma o indivíduo, partindo de suas representações sociais e consequentes ações coletivas, enquanto principal e potencial sujeito histórico (GAMA, 2020b).

Ao compartilharmos da concepção dialética idealista materialista do caráter da realidade social como conformada por um todo articulado de base econômica e superestrutura



ideológica (GAMA, 2020c), a busca pela compreensão do processo socio-histórico deve apreender duas dimensões: a complexidade e diversidade dos modos de produção (a China seria capitalista e / ou socialista?) e o papel dos indivíduos potencializados como atores sociais sujeitos da História, no novo milênio do bloco histórico da civilização (ainda?) hegemonicamente cristã ocidental.

Por meio dessa contínua investigação poderemos municiar-nos intelectualmente, capacitar-nos para uma compreensão científica do presente e da realidade social em que todos somos sujeitos e atores de transformação e / ou manutenção da ordem social estabelecida, local, regional e / ou global.

O paradigma teórico originário do conceito de modo de produção continua pujante na busca de uma compreensão do processo socio-histórico. Devem-se estimular as novas gerações de estudantes de Ciências Sociais e Humanas a resgatar a riqueza e a complexidade dessa discussão teórica e as extrapolarem para todas as ciências, cujos parques contornos delineamos neste ensaio, apenas com a singela pretensão de darmos a nossa contribuição, como um legado.

## REFERÊNCIAS

BORON, A. A. A social theory for the 21<sup>st</sup> century? **Current Sociology**. Montreal, vol. 47, n°4, pp.47-64, 1999.

BRAUDEL, F. **História e Ciências Sociais**. Lisboa: Presença, 1976.

CARDOSO, C.; BRIGNOLLI, H. P. **Os Métodos da História**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FIORAVANTI, E. *El Concepto de Modo de Producción*. Barcelona: Ediciones Península, 1974.

\_\_\_\_\_. Modo de produção, formação social e processo de trabalho. In: GEBRAN, P. (Org.). *Conceito de Modo de Produção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

GAMA, Hélio F. L. N. da. Conhecimento socio-histórico. *Contra a Corrente: Revista Marxista de Teoria, Política e História Contemporânea*, Ano 2, n. 3, CEPESB, Brasília, 2010.

\_\_\_\_\_. Conhecimento socio-histórico e a ideia de estrutura social. *Contra a Corrente: Revista Marxista de Teoria, Política e História Contemporânea*, Ano 3, n. 5, CEPESB, Brasília, 2011.

\_\_\_\_\_. As ciências sociológica e histórica: Uma interdisciplinaridade estrutural. In: (Org.). PURIFICAÇÃO, M. M.; PESSOA, M. T. R.; CATARINO, E. M. **Aspectos Históricos, Políticos e Culturais da População Brasileira**. [recurso eletrônico]. Ponta Grossa – PR: Atena Editora, 2020a. Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/post-ebook/3317>

\_\_\_\_\_. A disputa do positivismo e da dialética na sociologia alemã: Algumas considerações. In: FERREIRA, G. H. C. (Org.). **As Ciências Humanas como Protagonistas no Mundo Atual**. [recurso eletrônico] Ponta Grossa – PR: Atena Editora, 2020b. Disponível em: <https://www.finersistemas.com/atenaeditora/index.php/admin/api/ebookPDF/3177>

\_\_\_\_\_. A dialética da totalidade concreta de Karel Kosik. In: Reflexões sobre Temas e Questões em Áreas Afins à Filosofia. [recurso eletrônico]. Ponta Grossa – PR: Atena Editora, 2020c. Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/post-ebook/3487>

\_\_\_\_\_. Questões epistemológicas: Para uma compreensão do turista híbrido. **Brazilian Journal of Development** 7 (1), 8624-8643, 2021. Disponível em: Questões epistemológicas: Para uma compreensão do turista híbrido / Epistemological issues: For an understanding of the hybrid tourist I da Gama I Brazilian Journal of Development (brazilianjournals.com)

GEBRAN, P. Introdução. In: GEBRAN, P. (Org.) **Conceito de Modo de Produção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

GODELIER, M. **Sobre as Sociedades Pré-Capitalistas**. Lisboa: Edições Seara Nova, Coleção Universidade Livre, 1976.

HARNECKER, M. **Los Conceptos Elementares del Materialismo Histórico**. México: Siglo XXI, 1971.

HOBBSAWN, E. J. De la historia social a la historia de la sociedade. **Daedalus** – Journal of the American Academy of Arts and Science, vol. 97, n° 1, pp. 61-94, 1971.

JAMESON, F. **Pós-modernismo: A lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Ática, 1986.

LOUZEIRO, M. R. G. **Parceria e Capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

MARX, K.; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. Vol. I. 3a ed. Lisboa: Editorial Presença, 1968.

MARX, K. **Prefácio a la Contribuição a la Critica de la Economia Política**. Madrid: Alberto Corazon Editor, 1970.

\_\_\_\_\_. Critique de l'économie politique. In: **Oeuvres**, I. Paris: Gallimard, 1977.

MORAGA, E. G. **O Estado Nas Sociedades Dependentes: O caso da América Latina**. Lisboa: Editorial Presença, 1977.

MOURA, M. C. B. **Sobre o conceito de “modo de produção”** (Alguns problemas gerais de periodização da história brasileira). Salvador, FFCH-UFBA, mimeo, 23 pp., 1984.

PORTELLI, H. **Gramsci e o Bloco Histórico**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

SANTOS, J. V. T. **Colonos do Vinho**. São Paulo: HUCITEC, 1978.

SOBOUL, A. Descrição e medida em história social. In: SOBOUL et al. **A História Social: Problemas, fontes e métodos**. Lisboa: Cosmos, 1975.

SOFRI, G. **O Modo de Produção Asiático: História de uma controvérsia marxista**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

STALIN, J. **Sobre el Materialismo Dialéctico y el Materialismo Histórico**. México: Grijalbo, 1972.

VILAR, P. **Crecimiento y Desarrollo**. Barcelona: Editorial Ariel, 1974.

VYGODSKY, V. S. **Por Qué no Enveiece “El Capital” de Marx**. Madrid: Villalar, 1978.

**A**

Anatomias emergentes 22

**B**

Barca de São Pedro 28

Bens materiais 4

Bloco histórico 1, 3, 4, 10, 11, 12

**C**

Cidadania 3

Classes sociais 1, 3, 4

Consumo 10, 14, 15, 19, 21, 22, 25, 45

Corpolatria 26

Corpo social 14

Cultura High-Tech 21

**D**

Democracia 3

Desenvolvimento social 19, 26

Desigualdades sociais 48

Desportivização 16

Dialética 1, 3, 5, 10, 11, 12

**E**

Educação 4, 10, 14, 19, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 50, 51, 53, 56

Efeito Medusa 41, 47

Ensino médio 43, 50

Escola católica 28, 32, 33

Esporte 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27

Esportivização 14, 16

Estamentais 7

Estrutura social 1, 3, 4, 11

**F**

Forças produtivas 4, 5, 8

**G**

Ginástica 15, 17, 22

**I**

- Ideologia 4, 5, 6, 10, 12, 27
- Imagens petrificantes 48
- Imutabilidade imagética 48
- Indústria cultural 10
- Infraestrutura econômica 5, 9, 10

**L**

- Lazer 15, 18, 19, 21, 26

**M**

- Mercadoria 14, 19, 20, 22, 26
- Mito de imutabilidade e estaticidade 44
- Modo de produção 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12
- Mundo virtual 10, 22

**O**

- Organizacional e informacional 10

**P**

- Padrões estéticos 14, 21, 22

**R**

- Redes sociais 10, 22, 44
- Reificação do corpo 26
- Relações sociais de produção 4
- Retrato social e paisagístico 44

**S**

- Sertão 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 54
- Sertão do Pajeú 41, 42, 44, 49, 51, 52, 53, 54
- Situação de interioridade 48
- Sociedade da ostentação 21
- Socio-histórico 1, 2, 3, 10, 11
- Superestrutura ideológica 10

**T**

- Tecidos societários pré-capitalistas 7
- Territórios luminosos 51, 53

Territórios opacos 51, 53


Tipo ideal 10


Transformações 7, 8, 16, 41, 44, 49, 52





# A SOCIOLOGIA

e as formações sociais 2

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)


 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)








# A SOCIOLOGIA

e as formações sociais 2

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)

 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)